

A LINGUAGEM É O VÍRUS: UMA ENTREVISTA COM RAMON NUNES MELLO SOBRE HIV/AIDS E POESIA¹

THE LANGUAGE IS A VIRUS: AN INTERVIEW WITH RAMON NUNES MELLO ABOUT HIV/AIDS AND POETRY

Leandro Noronha da Fonseca²

RESUMO: Em ensaio da década de 1970, William S. Burroughs afirmou que a linguagem é um vírus. Décadas depois, a concepção do escritor norte-americano teve seus ecos na elaboração de um livro voltado às questões de outro vírus: o HIV. O poeta e jornalista carioca Ramon Nunes Mello organizou e publicou em 2018 a obra *Tente entender o que tento dizer*, primeira antologia poética publicada no Brasil voltada especificamente às questões do HIV/aids. Mello também é autor dos livros *Vinis mofados* (2009), *Poemas tirados de notícias de jornal* (2012) e *Há um mar no fundo de cada sonho* (2016). Em entrevista cedida por e-mail, o escritor explica como se deu a construção da antologia e as perspectivas que ajudaram a concretizá-la. A entrevista também busca compreender como a temática vem sendo acolhida (ou não) pelo mercado editorial brasileiro, bem como se dão as representações do HIV/aids na literatura brasileira contemporânea e suas transformações no decorrer histórico da epidemia.

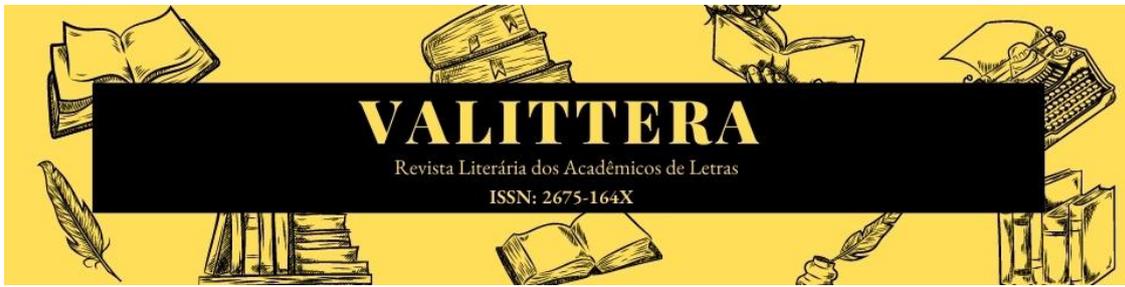
PALAVRAS-CHAVE: HIV/AIDS; Poesia brasileira contemporânea; Ramon Nunes Mello; *Tente entender o que tento dizer*.

ABSTRACT: In an essay from the 1970s, William S. Burroughs affirmed that language is a virus. Decades later, the conception of the American writer had its echoes in the elaboration of a book dedicated to the issues of another virus: HIV. In 2018, the poet and journalist from Rio de Janeiro called Ramon Nunes Mello compiled and published the work *Tente entender o que tento dizer*, the first poetic anthology published in Brazil specifically focused on HIV/AIDS issues. Mello is also the author of the books *Vinis Mofados* (2009), *Poemas tirados de notícias de jornal* (2012), and *Há um mar no fundo de cada sonho* (2016). In an interview by e-mail, the writer explained how he made the construction together with the perspectives which helped him make the anthology happen. This interview also seeks to understand how this theme has been accepted (or not) by the Brazilian publishing market, adding the representations of HIV/AIDS in Contemporary Brazilian Literature and its transformations in the historical course of the epidemic.

KEYWORDS: HIV/AIDS; Contemporary Brazilian poetry; Ramon Nunes Mello; *Tente entender o que tento dizer*.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e também da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

² Mestrando em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. Bolsista CAPES. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8863-5013>. E-mail: lfonseca954@gmail.com.

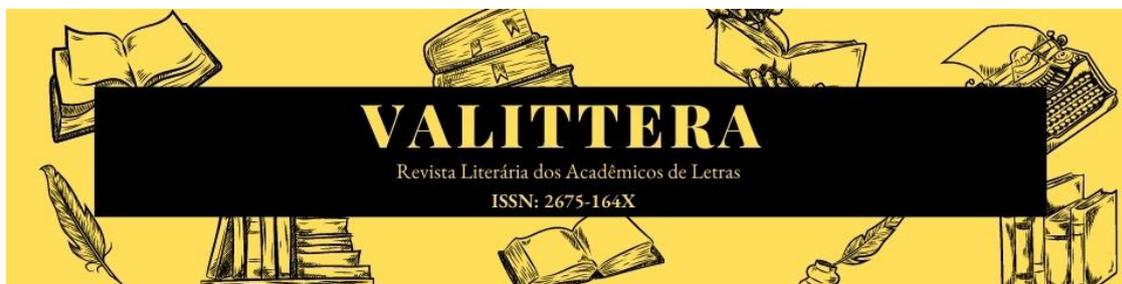


1 INTRODUÇÃO

No ensaio *The Electronic Revolution*, originalmente publicado na década de 1970, o escritor norte-americano William S. Burroughs (2005) elaborou a concepção da linguagem como um vírus. O vírus da palavra é exterior ao ser humano, invade e se reproduz nos indivíduos de maneira controlada e elaborada por meio de técnicas e outros elementos culturais: a linguagem infecta a si própria. Tendo em vista os meios de comunicação de massa, a palavra-vírus exerce também um papel de controle, pois a ordem e a persuasão são compostas por palavras. Assim, funcionam a partir da linguagem as “máquinas de controle” - como Burroughs (2005) denomina a polícia e outros grupos que buscam se manter no poder por meio do controle. As ideias do escritor também foram reverberadas pela performática cantora Laurie Anderson na canção *Language Is A Virus (From Outer Space)*, de 1986, título que remete à obra *The ticket that exploded*, de Burroughs.

Décadas após Burroughs e Anderson, a concepção de linguagem como vírus foi adotada como norte para a elaboração de uma antologia temática acerca de um outro vírus: o HIV³. O poeta e jornalista carioca Ramon Nunes Mello organizou e publicou em 2018 a obra *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids*, considerada por Fonseca (2019) como a primeira antologia poética publicada no Brasil voltada especificamente às questões do HIV/aids. A obra reúne 101 poemas de 96 escritores em evidência no cenário literário nacional, tais como Angélica Freitas, Antonio Carlos Secchin, Antonio Cicero, Fabrício Corsaletti e Silviano Santiago, mas também de poetas menos conhecidos pelo público e/ou a crítica, a exemplo de Bruna Mitrano, Fernando Impagliazzo, Marcelo Reis de Mello, Marcio Junqueira, Tatiana Nascimento, entre outros. Assim, a obra oferece um rico panorama da poesia brasileira contemporânea, abarcando obras de escritores de diversas regiões e gerações.

³ Ainda que não haja consenso sobre a sua grafia, a exemplos de “AIDS”, “Aids” e “aids”, no presente trabalho serão grafadas em maiúsculo a sigla “HIV” e em minúscula “aids”. Na entrevista escrita, Ramon Nunes Mello optou pela utilização das siglas todas em minúsculo no intuito de dar menos ênfase à doença e maior protagonismo à vida, a exemplo do escritor Herbert Daniel que adotava tal dinâmica em seus ensaios. Assim, manteremos no espaço das respostas a grafia proposta pelo poeta (*hiv/aids*) e, nos demais, a grafia *HIV/aids*.

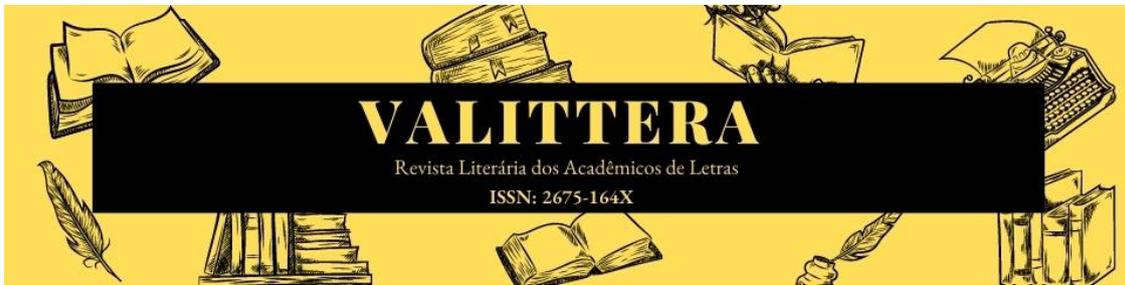


É dividida em três partes temáticas: a primeira parte volta-se para a questão da linguagem; a segunda, para a memória das pessoas que morreram em decorrência da aids; e a terceira, que reúne questões como corpo, vida, morte, sexo etc. De maneira geral, os poemas de *Tente entender o que tento dizer* versam sobre a complexidade da vivência soropositiva: os dilemas de revelar ou não o *status* sorológico, o estigma e o preconceito, a afetividade e a sexualidade após o diagnóstico, os contornos sociais e culturais da epidemia em suas primeiras décadas, a saudade de pessoas que morreram em decorrência da doença, entre outras questões de cunho mais abrangente, tais como as reflexões sobre a finitude da vida, a corporeidade etc.

Ramon Nunes Mello publicou os livros de poesia *Vinis mofados*, em 2012, *Poemas tirados de notícias de jornal*, em 2012, e *Há um mar no fundo de cada sonho*, em 2016. No último título mencionado é possível observar a emersão da temática do HIV no trabalho de Mello (2016) a partir do poema *diálogo com william s. burroughs*: “ser/ extraplanetário/ eu sou o outro você/ in lak’ech ala k’in/ transformo/ objeto em sujeito/ a linguagem/ o verdadeiro/ vírus” (MELLO, 2016, p. 68).

Mello é um dos vários escritores brasileiros que propõem uma reflexão sobre o HIV/aids a partir da palavra. Na literatura brasileira, é possível encontrar títulos que buscaram representar a epidemia. São contos, novelas, romances, poemas e autobiografias que fornecem aos leitores uma miríade de representações do vírus e suas questões. Os estudos *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids* e *Os perigosos: autobiografias & Aids*, de Marcelo Secron Bessa (1997; 2002), nos oferecem um rico panorama historiográfico da produção literária brasileira sobre HIV/aids nas duas primeiras décadas da epidemia. A temática do vírus (ou da doença) encontra-se em produções literárias de Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago, Bernardo Carvalho, Herbert Daniel, Adelaide Carraro, Mário Rudolf, Alberto Guzik, Jean-Claude Bernardet, Valéria Piassa Polizzi, Overland Airton, entre outros.

Tendo em vista a importância da antologia poética *Tente entender o que tento dizer* na representação do HIV/aids na contemporaneidade, tema pouco discutido no âmbito dos Estudos Literários, realizamos uma entrevista com Ramon Nunes Mello a fim de



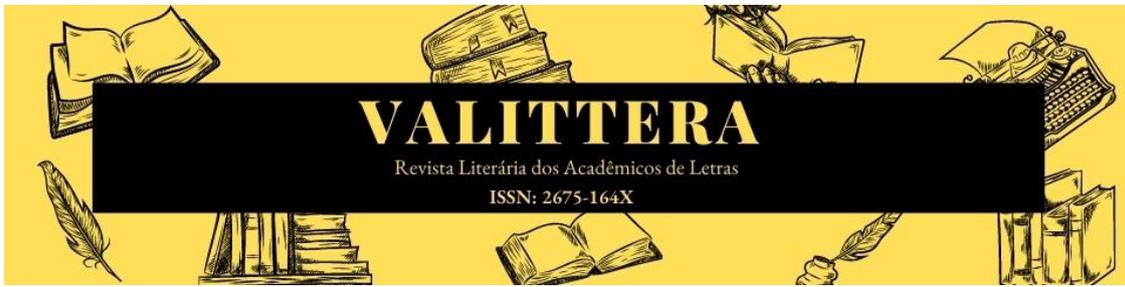
compreendermos alguns contornos de seu trabalho poético e da antologia que organizou. Como a literatura brasileira contemporânea vem representando essa temática, ainda cercada de tantos tabus e temores? Houve alguma transformação dessa representação entre os períodos iniciais da epidemia e os dias atuais? Realizada por e-mail em maio de 2021, a entrevista busca também compreender como se deu a organização da antologia poética, a seleção dos poemas, quais as discussões levantadas por eles e como a temática vem sendo acolhida (ou não) pelo mercado editorial brasileiro.

PERGUNTAS

LNF - Como o tema do HIV/aids chega aos seus trabalhos poéticos, e em quais obras?

RNM - O vírus hiv chegou em minha poesia no momento em que peguei um diagnóstico soropositivo, em junho de 2012. Imediatamente meus versos começaram a ser invadidos pelo vírus. Entretanto, eu escrevia e guardava. Sabia, internamente, que eu abriria a sorologia, pois entendo a vida de forma política. O silenciamento seria uma morte para mim. Então, publiquei os poemas infectados pela linguagem do hiv/aids no momento que me senti seguro para falar abertamente sobre a minha vivência soropositiva, sem medo ou culpa. Primeiro tive que lidar com os meus demônios, bater um papo e fazê-los cantar para subir. Assim consegui compreender que o vírus não é protagonista da minha história, mas um coadjuvante que aprendo a lidar diariamente. Foi a partir desse posicionamento que escrevi *Há um mar no fundo de cada sonho*. Foi um mergulho muito profundo para eliminar meus monstros, precisei de muita Ayahuasca e Yoga. Após a publicação do livro, ainda busco compreender como eu quero que o vírus se relacione com os meus versos. Há um poema inédito, que escrevi na ocasião do curso *Como eliminar monstros*⁴, em 2020, que ilustra esse processo:

⁴ O curso *Como eliminar monstros: discursos artísticos sobre HIV/aids* foi idealizado e ministrado por Fabiano de Freitas (ator e diretor) e Ronaldo Serruya (ator e dramaturgo). O curso teve início em 2019 no Itaú Cultural, em São Paulo/SP, e integrou a programação da mostra *Todos os Gêneros* (FREITAS, 2019,



COMO ELIMINAR MONSTROS & DEMÔNIOS

para Ronaldo Serruya e Fabiano de Freitas

repita a você mesmo:

eu não sou um vírus

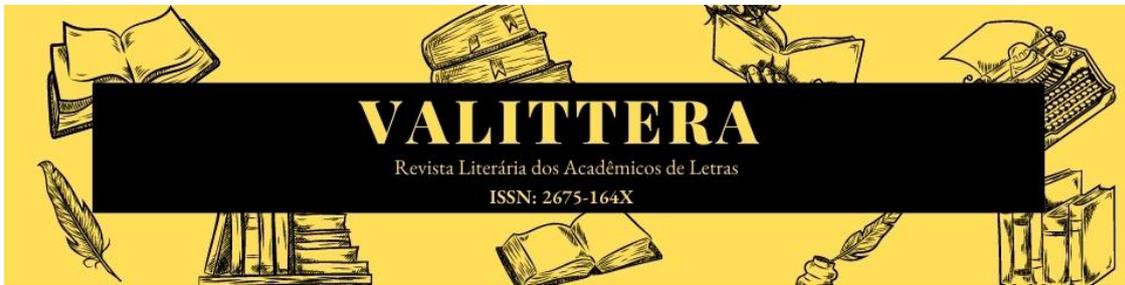
vamos repita:

eu não sou um
vírus

digo aos outros que sou louco para que as pessoas que têm medo de gente louca não
 se aproximem de mim
 me disse o leão
 tenho adotado o mesmo método
 para viver com hiv
 promíscuo pervertido viado
 coleciono o rótulos e jogo fora junto com as bulas de letras miúdas
 que enchem as gavetas do armário
 ao menos tenho conseguido entender
 quem sou em meio a contagem de cd4 e quantidade de vírus no meu sangue
 para classificarem como quiserem
 indetectável

posso transar sem camisinha que não infecto ninguém
 afirmam os médicos
 infectar não contaminar, reaprendi a falar
 assim como não se deve pronunciar aidético
 palavra embolorada de estigmas
 minha língua
 gem está infectada pelo hiv-aids
 não é a língua, é o cu! – berra copi pela boca de carrera

p. 96-97). Adaptado para a Internet com o surgimento da epidemia de COVID-19, o curso foi desenvolvido em diversas turmas e contou com apoio do Goethe-Institut São Paulo. A iniciativa busca refletir sobre como as expressões artísticas representaram a epidemia de HIV/aids, e as transformações dessa tematização ao longo do desenvolvimento histórico da epidemia. O projeto também divulga no Instagram (@eliminarmonstros) artistas que desenvolvem trabalhos artísticos sobre o HIV/aids.



com sua dificuldade de se expressar e ainda reverbera em meus ouvidos

é o cul!

músculo de veludo cantado por piva

promessa-derradeira-entrada-franca-dos-demônios

tenho eliminado monstros &

demônios

a cada dia

com reza brava

coloquei meus preconceitos no altar

olhei para eles rezei

para depois xingar um por um

por três anos aos prantos

até conseguir vomitá-los em ritos xamânicos

me olhei por fora embora por dentro

cheio de medo

me transformando em bichos

uma onça que lambe as próprias feridas

ou uma cobra de várias cabeças

apresentando a cura

enquanto participava do meu velório

sem choro nem vela

e prometia a guarda da biblioteca para o marona

quantas mortes nessa epidemia discursiva?

40 milhões de mortes em todo mundo

dionísio disfarçado de mendigo dançou comigo uma poesia cósmica e sem nome

eu cortava meus medos com golpes no pescoço

e decepava

pedaços do meu desejo de apontar

culpados

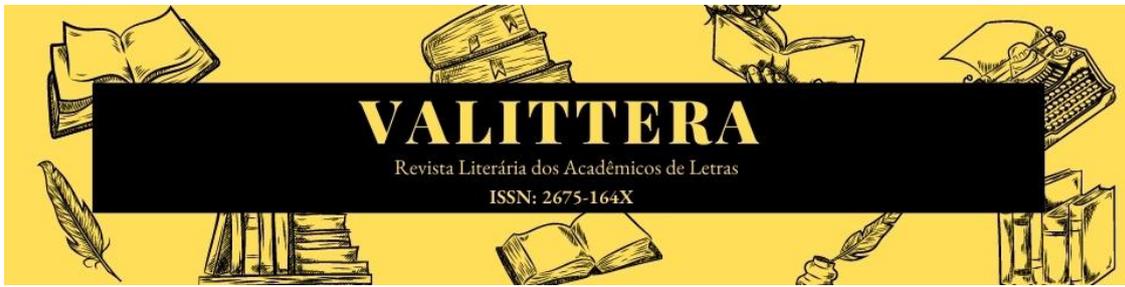
dolutegravir sódico + fumarato de tenofovir + lamivudina

caio + leonilson + cazuza (melhor assim)

ao meio-dia de estômago vazio

contando o tempo em comprimidos

meu corpo se entope de toxina

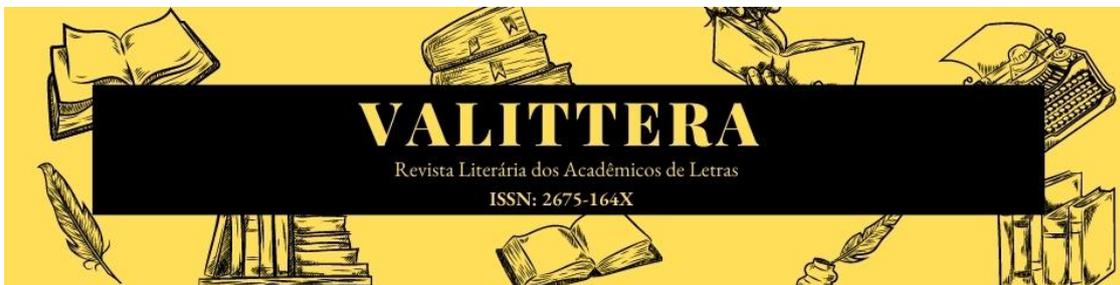


ainda contamos os mortos
mesmo sorrindo
tentando acreditar na cronicidade dos dias
reinventando narrativas

passeando entre o medo incendiário
de al berto
os cantos de ilusão de perlongher
e a linguagem viral de burroughs
em noites de insônia
marítima

LNF - Em 2009 você publicou o livro *Vinis mofados* e, em 2012, *Poemas tirados de notícias de jornal*. Existem diferenças de sua produção poética nestas duas obras em relação a *Há um mar no fundo de cada sonho*, de 2016? Se sim, quais?

RNM - Sim, há muitas diferenças. No *Vinis Mofados* há o frescor do primeiro livro, os poemas estão impregnados da relação com a própria palavra, com o fazer poético, além de serem atravessados pela relação com a música popular brasileira. Neste livro já estavam presentes o universo homoafetivo e a sexualidade latente dos meus 25 anos. Tenho muito carinho por esse livro que abriu o meu trajeto literário pessoal. O livro traz em suas entrelinhas as primeiras influências literárias - da forma mais explícita, como o título em diálogo com os *Morangos Mofados* de Caio Fernando Abreu, ou de forma mais sutil, na permanente troca com a poesia contemporânea, a referência da poesia marginal, por exemplo. *Poemas tirados de notícias de jornal*, meu segundo livro, foi um projeto literário contemplado em um edital de criação literária do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Inscrevi o projeto para escrever poemas a partir de notícias de jornal, tendo como referência e inspiração o famoso poema de Manuel Bandeira, *Poema tirado de uma notícia de jornal*. A ideia era trabalhar a técnica de *read made linguístico*, a apropriação da linguagem. O poema de abertura do livro, *Poema atravessado pelo manifesto sampler*, traz de forma prática, no próprio verso, o conceito do livro. Um livro que



me permitiu trabalhar a performance poética: fiz apresentação do *Manifesto Sampler*⁵ em vários lugares do Brasil e numa residência artística em Londres, com o artista e multinstrumentista Siri. O poema foi abrindo caminhos e possibilidades infinitas. Sem esses dois livros não sei como seria o *Há um mar no fundo de cada sonho* e muito menos a investigação do vírus e a linguagem que venho fazendo desde 2012. Sem dúvida, seria um outro caminho.

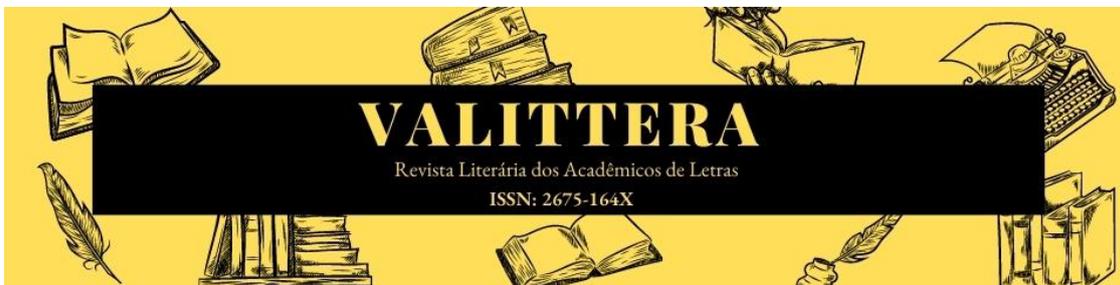
LNf - Como surgiu a ideia de organizar uma antologia poética voltada especificamente às questões que envolvem o HIV/aids? Você teve contato com iniciativas semelhantes, no Brasil ou em outros países?

RMN - A ideia surgiu justamente pela ausência de organização de uma antologia de poemas com a temática do hiv/aids. Ao descobrir a sorologia positiva para o hiv, comecei a ler tudo que encontrava sobre o tema: ensaios, ficções, textos técnicos, manifestos... Senti falta de poemas, uma vez que é minha área de atuação e paixão na literatura. Comecei a pesquisar e encontrei alguns poucos poemas dos anos 80/90 sobre hiv/aids, que estão incluídos na antologia, do Nelson Ascher, Antonio Carlos Secchin e Italo Moriconi - este, o que melhor retratou a epidemia da aids, de forma crítica, do início até hoje. Não tive acesso a antologias de poemas com abordagens do hiv, nem nacionais nem internacionais. Eu não conseguia compreender por que os poetas ainda tinham tabu e/ou não se sentiam autorizados a escrever sobre o tema...

LNf - Como se deu a escolha das obras e dos poetas que integram a antologia? Houve algum tipo de critério nessa seleção, e qual?

RNM - No primeiro momento, em 2017, expus minha inquietação no Facebook e propus que poetas que estão em minha rede pudessem enviar os poemas com a abordagem sobre hiv/aids hoje. Em um ano recebi mais de 100 poemas. O critério, desde o princípio, pautou-

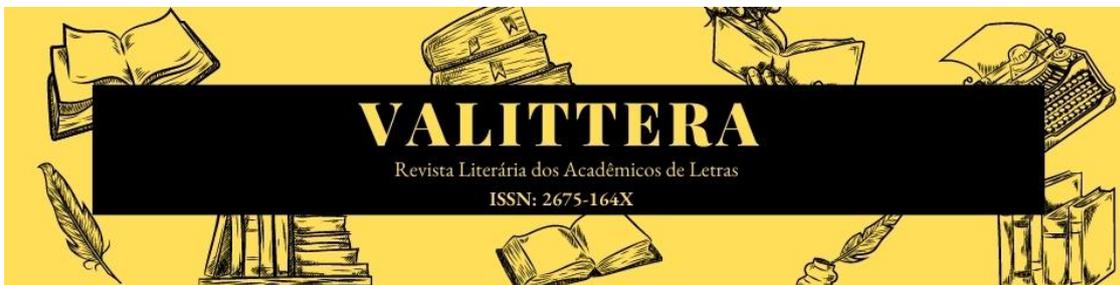
⁵ *Poema atravessado pelo manifesto sampler*. Disponível em: <https://soundcloud.com/ramon-nunes-mello/poema-atravesado-pelo-manifesto-sampler-de-ramon-nunes-mello>. Acesso em: 21 mai. 2021.



se na diversidade. Eu queria que o livro espelhasse a diversidade de corpos que são atingidos pela epidemia de aids: homens, mulheres, cis, trans, gays, héteros, negros - independente da sorologia de cada um, pois compreendo que o assunto deve ser vivenciado de fora direta e indireta por todos. E o princípio fundamental: todos os incluídos tinham de ser poetas. Minha intenção era reunir poetas de diferentes gerações, com livros publicados ou não. A visão que quis expor é a da poesia. Como a poesia contemporânea brasileira aborda o hiv/aids hoje? Como o vírus invade a literatura? Feito isso, tive de estabelecer, junto com a editora, outros critérios para selecionar o que ficava, para então compreender a disposição dos poemas.

LNF - Alguns dos poetas que integram *Tente entender o que tento dizer* raramente abordavam as questões do HIV/aids em seus trabalhos poéticos, e produziram poemas a partir de seu convite. Você acredita que, de alguma forma, a antologia ajudou os poetas a refletirem sobre a temática?

RNM - Acredito que sim. O *Tente entender o que tento dizer* traz uma provocação não só para os criadores das palavras, como poetas e escritores, mas para os artistas de forma geral. Percebi que, após a antologia, diversos criadores passaram a não ter vergonha de expor a presença do vírus nas suas obras. Na literatura, especificamente na poesia, essa reflexão tornou-se mais evidente quando se nota poetas publicando livros com a temática ou, simplesmente, falando abertamente sobre. Ou, ainda, poetas/escritores que não vivem com hiv/aids trazendo a reflexão em suas produções, abrindo o olhar sem pudor. Quando percebo esse movimento, sinto um respiro de esperança. Entretanto, temos de pensar que a antologia está inserida no contexto de uma época. Certamente, a necessidade de se falar sobre hiv/aids - na vida e na arte - é algo que está pairando sobre nós, enquanto sociedades. Talvez, o que a antologia fez, dentro da limitação do universo literário, foi mostrar que podemos sim trazer um outro olhar para o hiv/aids na literatura e nas artes.



LNF - O conceito de “narrativas pós-coquetel”⁶, elaborado por Alexandre Nunes Sousa, parece ser uma questão muito importante na elaboração da antologia *Tente entender o que tento dizer*. Fala-se também em “poesia pós-coquetel”. Como podemos compreender essas produções poéticas à luz desse conceito?

RNM- O conceito principal para a organização da antologia foi o verso que escrevi: “a linguagem / o verdadeiro / vírus”. Em seguida, ao entrar em contato com a pesquisa de Alexandre Nunes de Souza, que cunhou a expressão “literatura pós-coquetel”, compreendi, ao ler os poemas, que estávamos cruzando pensamentos e pontos importantes para compreender essas criações. Sem dúvida, não só a literatura de prosa ou poesia, mas também toda a produção contemporânea de hiv/aids de artes, ativismo, teatro e cinema, têm de levar em consideração que o avanço da medicação antirretroviral, que trouxe qualidade de vida a quem vive com hiv/aids, alterou a subjetividade e, conseqüentemente, a produção artística. O que não invalida um olhar crítico à indústria farmacêutica e à biopolítica dos corpos.

LNF - Também localizamos, em sua organização, alguns poemas publicados em décadas anteriores à publicação de *Tente entender o que tento dizer* em 2018, como Italo Moriconi, Antonio Carlos Secchin e Nelson Ascher. Como você encara essa produção poética “pré” era-coquetel?

RNM - Considero essa produção fundamental para compreendermos de forma ampla a história do hiv/aids na poesia brasileira. São, em sua maioria, os versos que trazem um recorte de um período crítico da epidemia da aids. Trata-se de uma memória, um registro importante, principalmente para os que não vivenciaram a dor desse período, marcado pela morte.

⁶ Formulado por Alexandre Nunes de Sousa (2016), o conceito de “narrativas pós-coquetel” compreende que a tematização do HIV/aids nas artes, principalmente no cinema e na literatura, passou por transformações com o advento da terapia antirretroviral. O conceito aponta que as representações do HIV/aids foram impactadas pela melhor qualidade de vida possibilitada pela “cronificação” da vida soropositiva, o que provocou modificações na tematização em produções artísticas mais recentes. Em outras palavras, se antes a morte em decorrência da aids era uma questão que habitava boa parte das produções nas décadas de 1980 e 1990, na contemporaneidade o viver com HIV é que se faz presente.



LNf - No texto de apresentação da antologia, você afirma, inspirado por William S. Burroughs, que “a linguagem é o verdadeiro vírus”. Por quê? E como podemos tomar essa perspectiva para compreender a presença do HIV/aids na literatura?

RNM - Porque acredito que somente falando e criando sobre o hiv/aids que podemos transformar os estigmas e preconceitos, ainda hoje existentes. As narrativas (e a vida), criadas a partir dessa experiência, são muito mais fortes e importantes que o próprio vírus. Portanto, essa dimensão da realidade não pode ser perdida. Essa resignificação da experiência de uma vida positiva pode ser transformada através da linguagem, da arte, colocando em evidência as transformações, as lutas e as dores que ainda existem na questão.

LNf - Além do campo poético, encontramos diversos escritores que trabalharam a temática do HIV/aids na ficção. São exemplos Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago, Bernardo Carvalho, entre outros. É possível traçarmos algumas aproximações e distanciamentos entre a prosa e a poesia brasileiras sobre HIV/aids?

RNM - A prosa teve seu pioneirismo ao abordar a temática, mas acabou por estacionar a produção nos anos 90. Mais recentemente tenho visto algumas obras de ficção trazerem o tema, em sua maioria uma produção à margem do mercado editorial. A linguagem poética, creio, tem uma potência grande, como pode-se notar na antologia, de fazer um diagnóstico da subjetividade do hiv na literatura. Espero que as produções tanto em prosa, poesia ou dramaturgia possam crescer cada vez mais, em diferentes linguagens.

LNf - Em sua opinião, como o mercado editorial brasileiro tem acolhido (ou não) a questão do HIV/aids nas produções literárias?

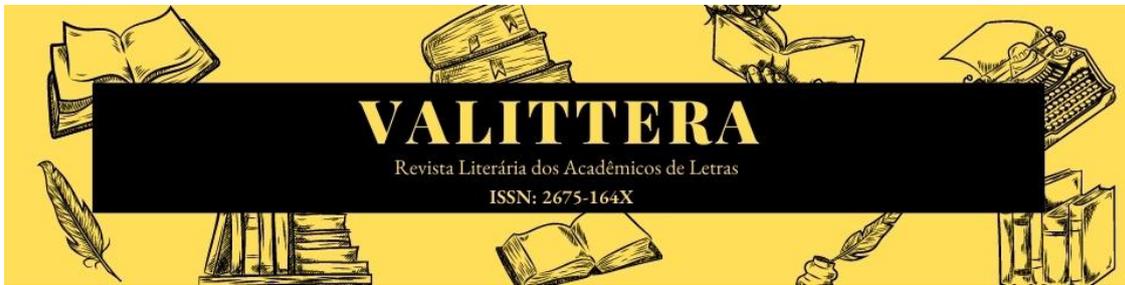
RNM - No início da epidemia, nos 80, a literatura da aids era vista com desprezo, como uma produção menor, por trazer depoimentos. Principalmente quando o livro era escrito por um



“não-escriptor” que decidiu se inserir no mercado editorial para dar voz à sua própria história. Um exemplo triste desse preconceito é analisar a obra de Herbert Daniel que, apesar de ativista e escritor de inúmeros livros de ficção e ensaios, até hoje não tem o devido cuidado e destaque de uma editora. Mas acredito que ocorreu uma mudança, principalmente quando outros escritores começaram a trazer o hiv para as suas narrativas, como Silvano Santiago, Italo Moriconi, Bernardo Carvalho, Caio Fernando Abreu, Plínio Marcos, João Silvério Trevisan e Jean-Claude Bernardet. Após a publicação de *Tente entender o que tento dizer*, percebo uma abertura maior, até mesmo da editora Bazar do Tempo, responsável pela publicação da antologia, que editou outros dois livros que abordam o tema do hiv/aids: *A doença e o tempo*, livro de ensaios de Eduardo Jardim, e *Não digam que estamos mortos*, do poeta norte-americano Danez Smith, com tradução do poeta brasileiro André Capilé. E mais recentemente o poeta Fernando Impagliazzo publicou o livro de poemas *Promíscuo*.

REFERÊNCIAS

- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a Aids*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BESSA, Marcelo Secron. *Os perigosos: autobiografias e Aids*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- BURROUGHS, William S. *The Electronic Revolution*. UBU Classics, 2005. Disponível em: <https://www.ubu.com/historical/burroughs/index.html>. Acesso em: 24 mai. 2021.
- FREITAS, Luiz Fabiano de. *Um corpo político: performance, sexualidade e abjeção pelo Teatro de Extremos*. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.ppgartes.uerj.br/discntes/dissertacoes/2019MestLuizFabianoDeOliveiraDeFreitas.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.
- FONSECA, Leandro Noronha da. *HIV/Aids e narrativas pós-coquetel na poesia contemporânea brasileira*. Monografia (Especialização em Mídia, Informação e Cultura). Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/blogs/hivaids-narrativas-pos-coquetel-poesia-contemporanea-brasileira>. Acesso em 24 mai. 2021.
- MELLO, Ramon Nunes. *Há um mar no fundo de cada sonho*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2016.



MELLO, Ramon Nunes (Org.). *Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/ aids*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SOUSA, Alexandre Nunes de. *Da epidemia discursiva à era pós-coquetel*: Notas sobre a memória da Aids no cinema e na literatura. II Seminário Internacional em Memória Social, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/B019-ALEXANDRE-NUNES-DE-SOUSA-normalizado.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2021.

Recebido em 24/05/2021.

Aceito em 28/08/2021.